

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE GLOBALIZAÇÃO, MUNDIALIZAÇÃO E CULTURA

Ana Maria da Silva Rodrigues

Doutoranda em Ciência da Informação/UFMG
Universidade Federal do Piauí/Departamento de Educação Física
Rua Carlos Alves, 43/303 - São José - Pampulha - Belo Horizonte - MG
Tel: 0XX-31-499-6128 nina@eb.ufmg.br

Cristina Maria Viana Camilo de Oliveira

Bibliotecária
Fundação Comunitária de Ensino Superior de Itabira - FUNCESI
Rod. MG3 - Córrego Seco - Areão - Itabira - MG
Tel/fax: 0XX-31-831-6055 cmvc_oliveira@funcesi.br

Maria Cristina Vieira de Freitas

Especialista em Conservação de Obras sobre Papel
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais/UNED de Araxá
Rua N. Sra. da conceição, 20/102 - centro - Araxá - MG - CEP: 38.183-216
Tel: 0XX-34-662-7819 Fax: 0XX-34-662-5980 cristina.aax@zaz.com.br

RESUMO: o presente artigo pretende apontar algumas reflexões acerca do processo de mundialização da cultura, situando-a no contexto da globalização da economia e do surgimento das novas tecnologias de informação. Em meio a este processo, encontra-se o homem, criador e criatura responsável pelo produto de sua ação consciente no mundo e inserido no corpo social .

PALAVRAS-CHAVE: globalização, mundialização, informação, identidade, cultura.

ABSTRACT: this article aims to unfold some reflections related to the process of culture mundialization, within the context of economic globalization and the emergence of new information technology. Man, creature and creator, an integral part of the social structure, finds himself involved in this process and is responsible for the repercussions of his conscious actions in the world.

KEY WORDS: globalization, mundialization, information, identity, culture.

Da minha aldeia eu posso ver o mundo. Sou do tamanho do meu pensamento e não da minha altura..

Fernando Pessoa

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tenta fazer algumas reflexões sobre a globalização, mostrando que ela se insere no quadro das transformações econômicas das últimas décadas do século XX, que

trouxeram ao homem uma nova visão de mundo e uma nova forma de inserção no meio social. No bojo destas transformações, encontra-se a cultura, enquanto produto humano historicizado e por vezes submetida ao imperativo do que convencionou-se designar como nova ordem mundial.

Se, por um lado, fica claro que as sociedades contemporâneas vêm sendo moldadas de acordo com as regras da sociedade global - aqui compreendida como processos, estruturas de diversas ordens, que funcionam por vezes de modo desigual e contraditório -, por outro, importa tentar decifrar o papel do homem que se forma e ocupa o seu espaço enquanto cidadão, num mundo sacudido por tantas transformações. Haverá alguma possibilidade de uma inserção crítica deste homem, ou os fenômenos de tendência mundializante, que agora são percebidos com muita intensidade, sufocarão as possibilidades locais de manifestação da identidade social e mesmo de resistência cultural?

O futuro é incerto. As tendências são amplas e variadas. Certo, no entanto, é o fato de que o homem é o protagonista máximo nas cenas do cotidiano que ele próprio descortina. Isto não pode ser perdido de vista na sua própria análise.

2. A GLOBALIZAÇÃO ENQUANTO PROCESSO

O que é globalização? Existe mesmo uma sociedade globalizada?

Muitos autores consideram que sim. ORTIZ (1994) é cauteloso, embora compreenda que várias situações e vivências cotidianas nos levam a pensar que estamos vivendo esta realidade. É a chegada do mundo até nós. Sem sairmos de onde estamos, podemos estar onde quisermos. Quebraram-se as barreiras do tempo e do espaço. Para IANNI, "a Terra mundializou-se de tal maneira que o globo deixou de ser uma figura astronômica para adquirir mais plenamente sua significação histórica" (apud ALVAREZ, 1999, p.97).

De fato, o termo globalização tem sido usado para

"caracterizar um conjunto aparentemente bastante heterogêneo de fenômenos que ocorreram ou ganharam impulso a partir do final dos anos 80 - como a expansão das empresas transnacionais, a internacionalização do capital financeiro, a descentralização dos processos produtivos, a revolução da informática e das telecomunicações, o fim do socialismo de Estado na ex-URSS e no Leste Europeu, o enfraquecimento dos Estados nacionais, o crescimento da influência cultural norte-americana etc. -, mas que estariam desenhando todos uma efetiva "sociedade mundial", ou seja, uma sociedade na qual os principais processos e acontecimentos históricos ocorrem e se desdobram em escala global". (ALVAREZ, 1999, p. 97)

Diante da definição do autor, percebe-se que falar de globalização envolve vários fenômenos - de caráter político, social, econômico e cultural - que vêm acontecendo ao longo dos anos e têm sido percebidos mais fortemente nas últimas décadas, em escala mundial. Percebe-se com isto, que a globalização deve ser vista como processo, como algo inter-relacionado e, por conseguinte, muito complexo.

Nos últimos anos, muitos estudos têm sido apresentados sobre o tema e alguns pontos de reflexão se nos apresentam. É uma revolução ou uma evolução do contínuo processo de desenvolvimento das civilizações? É algo que tem como culminância a integração das nações, com a conseqüente quebra de barreiras e diferenças, ou é algo que veio para romper com o sonho de um planeta-nação e aumentar as diferenças entre os povos?

Para SANTOS (2000) a globalização constitui-se numa revolução que se projeta como um fator de discriminação e de aprofundamento das diferenças sociais. Deste modo,

"marca a ruptura nesse processo de evolução social e moral que se vinha fazendo nos séculos precedentes. É irônico recordar que o progresso técnico aparecia, desde os séculos anteriores, como uma condição para realizar essa sonhada globalização com a mais completa humanização da vida do planeta. Finalmente, quando esse processo técnico alcança um nível superior, a globalização se realiza, mas não a serviço da humanidade". (p.65)

Decerto que não se está diante de algo novo. O que se vive é resultante do processo de modernização da sociedade ocidental (ALVAREZ, 1999; CASTELLS, 1999; ORTIZ, 1994). E, por constituir-se em um fenômeno tão complexo, muitas análises tendem a reduzir todo esse processo a uma visão eminentemente economicista, porque parecem compreender que as "transformações econômicas repercutem automaticamente no conjunto da sociedade, devendo todas as demais esferas se adequarem aos imperativos da economia de mercado mundializada" (ALVAREZ, 1999, p.98).

Este fato é levantado por ORTIZ (1994), que chama a atenção para a necessidade de uma postura mais crítica, pois a interação entre as dimensões econômicas, políticas e culturais não pode ser negada ou esquecida. Além disso, as relações estabelecidas entre elas estão longe de se acomodarem a qualquer tipo de determinismo. A emergência e/ou existência de uma sociedade globalizada não ocorre de maneira uniforme, até porque o mundo é composto de nações vivendo em diferentes estágios de desenvolvimento.

Neste sentido, a globalização não deve ser vista como um processo homogêneo, o qual levaria a uma expansão e uniformização em todas as sociedades. Ao contrário, o que se tem é um processo de desenvolvimento social bastante descontínuo, seletivo e excludente.

CASTELLS (1999a), por sua vez, considera que o momento atual é percebido através de uma mudança em nossa cultura material, como o resultado de um novo paradigma tecnológico que se organiza em torno da tecnologia da informação. Esse paradigma tem como pressuposto a aplicação de conhecimento na geração de novos conhecimentos e dispositivos, num contínuo de inovação, uso e processamento da informação. O autor considera que o processo não se dá de forma homogênea, admitindo, pois, a existência de várias Sociedades da Informação, com suas diversidades e especificidades.

Para GUEDES & De PAULA (1999), a compreensão do conceito de Sociedade da Informação se dá a partir de critérios não mutuamente excludentes - tecnológico, econômico, ocupacional, espacial e cultural - que a distinguem de outros tipos de sociedades. Isso equivale a dizer que a compreensão da sociedade da informação enfatiza as inovações tecnológicas, onde o avanço no processamento, armazenamento e transmissão de informação leva ao uso destas tecnologias em todas as esferas da sociedade. Continua, afirmando que esta informação passa a ter um valor econômico tal, que permite qualificar e quantificar as sociedades, conforme o seu acesso e uso. Assim, percebe-se na sociedade da informação uma mudança ocupacional, com o predomínio de funções e cargos na área da informação, cuja ênfase está nas *redes* que conectam as localidades, o que resulta em uma nova ordem conceitual de espaço e tempo. Conseqüentemente, os fatores culturais sofrem transformações visíveis nas vivências cotidianas, pelo aumento da circularidade da informação, da influência da mídia e da profusão de significados simbólicos que envolvem o indivíduo.

Entretanto, GUEDES & De PAULA (1999) questionam a existência da sociedade da informação e, ainda, a existência de uma revolução. Consideram que há apenas uma

continuidade no processo de desenvolvimento da sociedade, não acreditando que as novas tecnologias da comunicação e informação possam ser a força propulsora para uma nova era. Questionam, sobretudo, a coerência da abordagem centrada no determinismo tecnológico, até porque essas tecnologias não são compartilhadas por todas as sociedades (ou por todos em uma dada sociedade).

Ao caracterizar a sociedade da informação, percebe-se, de forma mais clara, que o processo de globalização e a caracterização da sociedade dele resultante, ainda se apresentam bastante imprecisos. Embora percebamos que algo está acontecendo, é difícil delimitar e apresentar uma visão clara disto. Qualquer leitura destes acontecimentos acaba por privilegiar uma dimensão, quer seja econômica, tecnológica ou cultural.

Decerto que o momento atual tem gerado mudanças sociais que apresentam as tecnologias da comunicação e informação como um fator importante, mas estas têm ocorrido muito mais pela forma como estas tecnologias estão sendo utilizadas, na medida em que, uma vez incorporadas ao cotidiano, elas exigem competências e habilidades que muitos não possuem, gerando o desemprego. Some-se a isso, o fato de que têm acentuado as desigualdades sociais, pois a informação advinda do acesso e uso eficiente das tecnologias de comunicação e informação assumem um valor econômico, gerando as distinções sociais. Por isso se diz que, atualmente, quem tem a informação detém o poder.

Para SANTOS (2000) o mundo atual está unificado por técnicas transmitindo a idéia de uma ação humana mundializada, com culturas e informações integradas, mas que na realidade possui uma ideologia baseada na dupla tirania do dinheiro e da informação, que solidificam uma globalização perversa, causando mais exclusão política, econômica e social. Para o autor, as desigualdades resultantes de todo esse processo mundial, em meio século, contemplaram os países subdesenvolvidos com pelo menos três formas de pobreza: incluída, marginalidade e estrutural. A primeira, seria uma "pobreza acidental, às vezes residual ou sazonal, produzida em certos momentos do ano, uma pobreza intersticial e, sobretudo, sem vasos comunicantes" (p.69). Uma outra, bastante estudada, é a chamada marginalidade, em que países são colocados à margem devido ao processo econômico da divisão do trabalho - internacional ou interna. Esta última, apesar de bem mais complexa, é percebida como um processo reversível, sendo que a mudança estaria a cargo dos governantes. No presente, contudo, o que temos é um outro tipo de pobreza, a estrutural, que do ponto de vista moral equivale a uma dívida social. É uma pobreza que está sendo disseminada globalmente, embora mais presente nos países subdesenvolvidos.

Por conseguinte, o autor considera que a globalização e suas conseqüências são muito mais um produto da ideologização de grupos hegemônicos do que de contingências históricas. Estamos vivendo uma fase de transição, em que se percebe vários sinais de resistência (movimentos paralelos), sendo que as populações envolvidas no atual processo de exclusão (pobreza estrutural) podem constituir-se em foco de mudança. A compreensão do que se está passando chega com clareza crescente aos pobres e aos países pobres, cada vez mais numerosos e carentes. É provável que a partir da percepção de escassez ou exclusão, uma tomada de consciência possa acontecer. É no homem, pois, que está a esperança de construção de um novo mundo, não na atual política de desenvolvimento sócio-econômico e técnico-informacional.

De fato, atualmente uma vivência globalizada é percebida no cotidiano, entretanto, não se pode conceber um mundo globalizado (em suas diferentes instâncias) que não seja pelo acesso ao novo, pela compreensão, aceitação e assimilação deste, pelas pessoas/sujeitos da história inseridas no contexto.

3. O PROBLEMA DA IDENTIDADE CULTURAL NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO

Dentro deste panorama, traçado pela globalização enquanto um processo político-econômico em escala mundial, o homem se vê diante de uma crise que atinge também a esfera sócio-cultural - ainda que o alvo imediato não tenha sido este - e alcançando o espaço de construção e manifestação das diversas identidades culturais, nos níveis local-regional e mundial, impondo muitas vezes mudanças na sua trajetória.

Quanto a isso, CASTELLS (1999b) lembra que atualmente nossas sociedades estão se estruturando em uma oposição bipolar entre a "Rede e o Ser". E, dentro deste contexto, marcado pela desestruturação das organizações sociais em todos os níveis, a identidade surge como uma fonte de significado. Assim, se por um lado as tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais, por outro, a tendência social e política característica da década é a construção da ação social e das políticas em torno das "identidades primárias".

Então, fica claro que para compreender e situar o homem no palco das transformações sociais resultantes das novas tecnologias de informação, desenvolvidas sobremaneira no último quartel do século que finda, é necessário uma reflexão à luz de determinados conceitos, que dão conta de identificar fenômenos como a internacionalização, a globalização e a mundialização. Sobretudo, quando se percebe que a literatura acadêmica disponível sobre o tema, muitas vezes diverge em suas próprias análises.

PAIVA (1998), mostra que a mundialização deve ser compreendida historicamente como uma ampliação das fronteiras geográficas, expansão territorial e construção de impérios, de acordo com os objetivos empreendidos pelas grandes nações num dado momento. A globalização, então, seria vista neste contexto como o agente consolidador de uma tendência imperialista, utilizando-se para tanto de dispositivos ordenadores da lógica do mercado e do capital.

ORTIZ (1994) amplia a sua análise para além das questões de ordem econômica, procurando estabelecer uma diferenciação entre os termos mundialização e internacionalização, no campo cultural. De acordo com ele, a internacionalização da economia foi simplesmente a ampliação das atividades econômicas, ultrapassando os limites das fronteiras nacionais e geográficas dos países. A atual globalização econômica, ao contrário, reveste-se de um caráter qualitativamente distinto, porque apresenta-se como uma forma mais avançada e complexa da internacionalização, estendendo os seus limites à produção, distribuição e consumo de bens e serviços, que no novo contexto passam a ser organicamente pensados e engendrados a partir de uma visão mundial de mercado. A mundialização, por fim, circunscreve-se ao domínio específico da cultura, que deve ser pensada como totalidade e processo e não como um simples fenômeno resultante da globalização. Dentro desta ótica, conclui que o termo "cultura mundializada" deve ser empregado para designar as civilizações onde a territorialidade esteja submetida aos parâmetros globalizantes.

Embora um pouco divergentes, estas análises nos fazem refletir que a questão cultural neste novo mundo reveste-se de grande complexidade, porque estamos tratando de um objeto que se manifesta no nível local-regional, mas que, em contrapartida, passa a ser enxergado por uma tendência mundial.

Na ótica das Ciências Sociais, o homem é o sujeito do mundo que cria, na medida em que age e interage no espaço de convivência social. Assim, torna-se especialmente

pertinente entender quem é este sujeito local que passa a atuar no processo global e os resultados de sua ação objetiva dentro deste mesmo processo.

MORIN (1996) afirma que a vida atualmente se processa em sociedades onde a autonomia do sujeito emerge a partir do momento em que ele faz a escolha de seus valores e inicia o processo de construção de identidade e significado com eles.

Sabe-se que a identidade individual é um processo resultante da diferenciação do "eu" em relação ao "outro" e do processo de construção das significações, daí advindo. Na formação da identidade social, por outro lado, há também a necessidade da convivência dos homens em torno de um espaço comum e circunscrito - o território - onde as experiências vão se somando, incorporando ao cotidiano e gerando uma memória coletiva.

Desta percepção das diferenças, surgem os modelos ou padrões culturais que caracterizam os grupos sociais - biológica, artística, lingüística e materialmente. A cultura é dinâmica, histórica e resulta da intervenção humana sobre o mundo e, por extensão, das escalas de valores que vão sendo criadas no cotidiano comunitário.

CASTELLS (1999b) define a identidade como o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou mesmo atributos culturais inter-relacionados, que prevalecem sobre outras fontes de significado, podendo haver, para um mesmo indivíduo, enquanto ser coletivo, identidades múltiplas. Já o significado, na sua visão, seria a identificação simbólica que se constrói em torno do fim último de uma ação praticada pelos "atores sociais".

Todas estas análises remetem à necessidade de um aprofundamento em relação à questão do problema da identidade cultural no mundo atual, especialmente porque o momento é marcado não apenas pela crise - significando escolha - mas também pela tendência aos paradoxos conflitantes, produtos de visões extremamente diferenciadas do que comumente se define como era global.

ORTIZ (1994) chama a atenção para este fato, quando afirma que o debate sobre a mundialização assenta-se em antagonismos e tendências concorrentes, onde a opção teórica por um pólo automaticamente implica na exclusão do outro. Identifica as terminologias local/global, fragmentação/unicidade, heterogêneo/homogêneo como os corolários desta visão. Continuando a análise, critica esta forma de pensamento dualista, porque não dá conta de analisar a totalidade da questão, em função do seu raciocínio excludente, que desconsidera, por exemplo, que o local não está necessariamente em contradição com o global, mas, articula-se com ele.

Parece que as divergências de pensamento se instauram sempre que se adota a tendência a privilegiar um campo do saber intelectual, em detrimento da análise dos demais. Deste modo, as tendências economicistas vão debruçar-se sobre o tema da globalização e seus efeitos nas finanças mundiais. Por outro lado, as ciências humanas e sociais, vão tentar identificar no homem, nos grupos e na cultura, a chave para entender o problema e propor soluções.

Importa entender que, qualquer que seja a proposta de análise, ela deve passar por uma reflexão ampliada acerca dos limites de atuação do global sobre o local e vice-versa, o que parece ser a tônica do momento.

PAIVA (1998), por exemplo, reconhece que o ambiente comunitário está sendo cada vez mais invocado pelo indivíduo na sociedade globalizada. Isto ocorre possivelmente porque, ao defrontar-se com ordens tão variadas dentro de um mesmo processo, este mesmo indivíduo aciona estruturas que o permitem reconhecer-se enquanto indivíduo, evitando a sua pulverização pelo global. Não obstante, acrescenta que quando se pensa nos interesses das organizações econômicas a ótica é outra, porque

"o apelo à noção de comunidade não parte de nenhum 'rousseauianismo' (ou seja, nenhum impulso nostálgico na direção de um paraíso supostamente risonho), mas de tendência real-histórica das atuais reorganizações na vida social. Por exemplo, os técnicos de planejamento de organismos mundiais, como o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), vêm insistindo na tecla da descentralização da execução das despesas sociais, com a indicação de que isso multiplica os efeitos dos investimentos e aumenta a produtividade dos projetos. 'Descentralização' aí implica o redimensionamento das macroorganizações societárias e inflexão no sentido do 'pequeno', que suscita a idéia de comunidade". (p. 12).

É claro que este movimento não é ingênuo ou gratuito, porque:

"o final das barreiras instaura uma nova ordem, onde os limites são absorvidos pela prerrogativa do universal. Tudo passa a ser trans, extrapolando seu limite inicial e absorvendo outras áreas e setores. Paralelo a essa idéia, toma impulso o olhar em direção à vizinhança e seus problemas. Os moradores de um mesmo bairro, aqueles iguais com quem a gente se encontra todo dia, fundem-se numa busca de soluções, de melhoria das condições de existência. Paradoxo inquietante: o apogeu da universalização, a proposta do microuniverso". (PAIVA, 1998, p. 13).

Portanto, o homem enquanto "ator social" tem de agir localmente, criando espaços de inserção social cada vez maiores, para evitar que a sua identidade, seja ela individual ou social, seja massacrada pelos ditames e prerrogativas do global. Daí a necessidade constante de fortalecimento dos níveis comunitários, como forma de apoiá-lo naquilo que o diferencia e individualiza, enquanto indivíduo e coletividade, afastando-o das tendências homogeneizadoras e padronizantes. Por isso, a proposta da territorialização, contrapondo-se idéia de "cidadão do mundo", tantas vezes difundida e apregoada pelos arautos das mídias voltadas à grande economia.

Esta necessidade se torna ainda mais iminente, quando se constata que o próprio Estado-Nação, um dos baluartes da identidade e memória nacional, vem diminuindo visivelmente o seu espaço de atuação econômica e criando vínculos que o identifiquem cada vez mais com o grande capital internacional.

HOBSBAWM (1992) mostra que a nação está perdendo as suas tradicionais funções de reguladora da economia nacional, desde os anos 60 e que o seu papel tem sido modificado para atender aos apelos de uma nova divisão internacional do trabalho, cujas unidades básicas são organizações de todos os tamanhos, multinacionais, transnacionais e redes de transações econômicas que estão, para fins práticos, fora do controle dos governos e Estados Nacionais.

SANTOS (2000), em raciocínio semelhante, aponta para um fortalecimento do poder do Estado, o que se dá, em níveis práticos, no sentido de atender exclusivamente aos interesses de grupos financeiros internacionais, em detrimento dos interesses e necessidades da população local.

É importante mostrar que neste mundo confuso e inacabado que se apresenta, a idéia de aceleração e velocidade é um outro fator que também permeia os espaços de atuação social dos seres humanos. Isto é visível, por exemplo, no pensamento de DRUCKER (2000), quando compara a geografia mental criada pela ferrovia, símbolo da Revolução Industrial, à nova geografia mental do comércio eletrônico, na atual Revolução da Informação. No caso da primeira, as distâncias foram diminuídas. Já no segundo caso, as distâncias foram eliminadas, existindo apenas uma economia e um mercado, não mais circunscrito ao âmbito local-regional, mas sim, mundial.

Compreende-se, então, que para os apologistas da era global o mais importante é que as modernas tecnologias e seus processos interligam pessoas, agilizam negócios, difundem idéias, veiculam informações, criam padrões e desfazem enigmas. Em outras

palavras, o mundo é veloz, o comércio é rápido, as informações trafegam instantaneamente e a competitividade assume as características de uma verdadeira prova de velocismo. É necessário, mais do que nunca, chegar na frente do outro e ocupar todos os espaços. Esta é uma mudança irreversível e os profissionais vencedores, na nova e grande economia, têm que se posicionar individualmente no meio social, muito mais pelo conhecimento e informação que detenham do que por quaisquer outras habilidades. E, ainda que a informação não chegue em todos os cantos, nem seja questionada em todos os meios, a tendência freqüente é a de fazê-la circular rapidamente, numa pretensão de atingir o arquétipo de aceleração da velocidade da luz.

Na visão de BAUDRILLARD (1985), contudo, vem a crítica e a sentença, porque, na verdade, o que se vê é a *"inflação de informação e a deflação de sentido"* (apud PAIVA, 1998, p.44).

SANTOS (2000) também relativiza a idéia de velocidade, difundida no imaginário evocado pela globalização e suas técnicas, mostrando que somente algumas pessoas, firmas e instituições podem ser caracterizadas como velozes, aliando-se ao fato de que são também poucas aquelas que utilizam todas as "virtualidades técnicas das máquinas". De modo que, uma grande maioria da sociedade vive hoje à margem deste mundo veloz e erroneamente, a minoria acaba sendo representativa da idéia de totalidade.

De certa forma, ainda alheio a isso tudo, o homem conectado e interligado globalmente, na ótica do imaginário coletivo, tende a sentir-se cada vez mais atraído pelas modernas tecnologias da informação, acessadas de qualquer ponto do planeta. Mas, este mundo ainda permanece enigmático e assustador, de modo que parece ainda ser difícil para ele encontrar o seu verdadeiro lugar e compreender os limites de sua atuação objetiva.

Finalizando, o fato mais inegável nisso tudo é o de que:

"vivemos num mundo conquistado, desenraizado e transformado pelo titânico processo econômico e tecnocientífico do desenvolvimento do capitalismo, que dominou os dois ou três últimos séculos. Sabemos, ou pelo menos é razoável supor que ele não pode prosseguir ad infinitum. O futuro não pode ser continuação do passado, e há sinais, tanto externamente quanto internamente, de que chegamos a um ponto de crise histórica. (...) Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até este ponto e (...) porquê. Contudo, uma coisa é clara. Se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para uma mudança da sociedade, é a escuridão." (Hobsbawm, 1995, p. 562)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, é necessário considerar que o papel do Estado tem se caracterizado atualmente pela omissão e o encolhimento crescente de suas funções sociais, econômicas e políticas originais, aumentando, por outro lado, a sua submissão aos interesses políticos das organizações financeiras mundiais, interessadas na regulação da vida social.

Um outro ponto importante é o progressivo aumento da pobreza, aliado a um visível retrocesso na noção dos princípios de comunidade, coletividade e solidariedade. Isto se explica pelo fato de que, ao contrário da concorrência que caracterizou o velho capitalismo do início do século XX, a fase atual é marcada por uma nova modalidade de competitividade, que induz a comportamentos antes condenáveis e é sugerida pelo aumento da produção e do consumo, exigindo uma postura agressiva, que reforça na sociedade comportamentos cada vez mais individualistas e menos solidários.

Em meio a este contexto, as tecnologias da comunicação e informação geram mudanças na relação do homem com o mundo. As informações passam a ser recebidas em tempo real, os produtos passam a ser transnacionais e, simultaneamente, as produções locais, regionais e nacionais já nascem globais, ou seja, o universal e o mundializado se sobrepõem ao singular e à identidade. A isto soma-se o fato de que as informações vêm mais do que é veiculado pela mídia - e da sua manipulação visando o poder e a dominação - e cada vez menos da interação entre as pessoas.

É inegável que vive-se em um mundo de "fronteiras porosas" - em nível econômico e político - ao mesmo tempo em que convive-se com a exclusão estrutural e social de países, etnias, raças, culturas e cidadãos. A sociedade globalizada faz crer que há união, quando na realidade o que existe é muito mais uma tendência à unificação, sob a hegemonia de um mercado global.

No meio disso tudo, as culturas nacionais e regionais tentam se manter e atuar socialmente, resistindo ao predomínio da sociedade global. Reconhece-se que a cultura popular vem persistindo, mas tende a ceder espaço para a cultura de massa, ditada pela globalização. Assim os valores, hábitos e costumes locais vão sendo substituídos por outros novos e necessários para o indivíduo se adaptar às regras sociais vigentes. As relações sociais caminham para o impessoal e o virtual e já não se conhece as pessoas, mas as organizações. O mundo está hiper-especializado, alargado, automatizado, global. Respiramos modernidade.

Não podemos, contudo, alardear apenas o pessimismo, porque há que se considerar que a sociedade vem oferecendo serviços cada vez mais eficientes, produtos em crescentes níveis de excelência e os homens estão buscando mais qualidade de vida. As novas tecnologias estão proporcionando uma verdadeira revolução em diversos campos da ciência.

Por tudo isso, vale, a título de consideração final, lembrar que ainda é tempo de restaurar e reforçar a importância dos princípios de liberdade e igualdade; dos valores éticos, morais, culturais, lingüísticos e da identidade individual e coletiva. Não se pode negar que o que se tem hoje é o resultado de séculos de evolução humana, em busca de melhores condições de vida no planeta, ainda que se reconheça que os resultados dos progressos alcançados não tenham sido de todo satisfatórios ou mesmo compartilhados coletivamente. Conquanto desejemos não rarear a humanidade.

RESUMO DAS AUTORAS

Ana Maria da Silva Rodrigues

Graduada em Educação Física e Comunicação Social pela UFPI, Mestre em Educação pela mesma universidade. Atualmente doutoranda em Ciência da Informação pela UFMG. Professora do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Piauí.

Cristina Maria Viana Camilo de Oliveira

Graduada em Biblioteconomia pela UFMG, com aperfeiçoamento em estudos de indexação e bancos de dados no projeto do Sistema Estadual de Informação em Ciência e Tecnologia de Minas Gerais (SEICT/MG). Atualmente é aluna da disciplina Sociedade da Informação oferecida pelo programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, UFMG. Trabalha na Fundação Comunitária de Ensino Superior de Itabira desde 1998, como coordenadora da Biblioteca Central.

Maria Cristina Vieira de Freitas

Graduada em História, pós-graduada em Metodologia do Ensino e em Conservação de Obras sobre Papel, esta última pela Universidade Federal do Paraná, em 1999. Atualmente é aluna da disciplina Sociedade da Informação oferecida pelo programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, UFMG. Trabalha no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, desde 1994, como professora de História e Fundamentos de Sociologia.

PRÉ PUBLICAÇÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVAREZ, Marcos César. Cidadania e direitos num mundo globalizado. *Perspectivas*. São Paulo, n. 22, 95-107, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 2 ed. Trad. Roneide Venâncio Majer. Vol.1, São Paulo: Paz e Terra, 1999a.
- CASTELLS, Manuel. O poder da identidade. Trad. Klaus Brandini Gerhardt. Vol 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999b.
- DRUCKER, Peter. *O futuro já chegou*. Exame digital. 22 de março de 2000, p.113-126.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- GUEDES, Olga; De Paula, Silas. Sociedade da informação: o futuro (im)perfeito. *Fronteiras - estudos midiáticos*. Vol.1, n.1, dez.1999, p.132-144.
- HOBBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSBAWM, Eric. Renascendo das cinzas. In: Blackburn (Org.) *Depois da queda. O fracasso do comunismo e o futuro do socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MORIN, Edgard. *A noção de sujeito. Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. São Paulo, Artes médicas, 1996.
- ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PAIVA, Raquel. *O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SCHAFF, Adam. *A sociedade informática: as conseqüências sociais da segunda revolução industrial*. Trad. Carlos E. J. Machado. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Brasiliense, 1995.